



Title	Entre o som do violão e sanshin : Expressões artísticas dos nikkeis no Brasil
Author(s)	Hirata, Etsuko
Citation	ブラジル研究. 2008, 3, p. 31-37
Version Type	VoR
URL	https://doi.org/10.18910/106439
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

Entre o som do violão e sanshin: expressões artísticas dos nikkeis no Brasil

Etsuko Hirata

*54 dias de viagem.
Navios carregados de medo e esperança.
Imprimiram suas marcas nas águas do oceano.
Também os primeiros passos neste chão, impressos
para sempre no bem fundo da terra.*

*Impossível refazer ao inverso aqueles caminhos.
Nós não saberíamos como, Nobu-chan.*

*Admita que é triste que os mares se fechem.
Mas os sonhos se multiplicam.
E isto é belo.*

Olga Futemma em Hia Sá Sá – Hai Yah!

Este artigo trata-se de um esboço de uma pesquisa cujo objetivo é investigar as expressões artísticas dos nikkeis no Brasil, onde se traduz o sentimento de ser brasileiro de origem japonesa, e questionar a ideologia da identidade cultural brasileira, cuja discussão tem focalizado quase exclusivamente à miscigenação de três raças: o índio, o branco e o negro.

A imigração japonesa faz parte do fenômeno imigratório em massa no Brasil que teve início nas últimas décadas do século XIX. A

entrada da grande massa dos imigrantes de diversas procedências como italianos, alemães, espanhóis, sírio-libaneses e japoneses modificou a feição do país, sobretudo a do Estado de São Paulo. Não só a sua formação populacional mas também os aspectos sócio-econômico e cultural sofreram “profundas transformações pela presença dos imigrantes. Nesta época, o Brasil industrializou-se, urbanizou-se e modernizou-se com muita intensidade.

Apesar do papel decisivo que os imigrantes desempenharam na transição do Brasil rural ao moderno, pode-se dizer que o tema da imigração não tem recebido a merecida atenção no âmbito acadêmico. Ainda que existam obras de peso e estejam sendo feitas investigações relevantes a respeito, os temas sobre a imigração no Brasil estão longe de ser esgotados. O historiador Boris Fausto (1991:13) atribui o retardamento dos estudos sobre a imigração e sua menor relevância ao fato de que no país existe outro problema secular – o do negro. Fausto ressalta ainda que quando surge a questão imigratória no estudo da história econômica e o desenvolvimento do capitalismo em São Paulo, é como elemento secundário, sendo o principal objetivo do estudo o problema não resolvido do negro. Ao longo dos anos, a questão dos imigrantes é considerada, pelas palavras de Fausto, “uma história de final feliz,” e sendo assim, tem permanecido como um campo menor de pesquisa na academia.

Se observarmos o campo da literatura, não é difícil encontrar algumas obras, nas quais aparecem imigrantes tanto como personagens secundários quanto como protagonistas. Foram os modernistas paulistas que mais se preocuparam com as representações da vida e do comportamento dos imigrantes. Porém, na maioria das vezes, o que estes escritores buscavam retratar não era o próprio imigrante, mas o povo e a sociedade nacionais ainda em formação. Tratava-se de uma tentativa dos escritores de identificá-los nas páginas de seus contos e romances. Neste contexto, o imigrante servia-lhes apenas como espelho, através do qual se enxergava a imagem do povo e da sociedade brasileira.

Os imigrantes, por sua vez, registraram com suas próprias palavras as experiências e os sentimentos que tiveram na nova terra. Mas quase sempre manifestada na língua do país de origem, a maioria dessas vozes permanece sem ser ouvida pelo público brasileiro. E, quando crescem as novas gerações que dominam mais a língua portuguesa, são tão assimiladas à sociedade brasileira que não se interessam pelas experiências dos avós, e muitas vezes, nem respeitam a cultura e as tradições de sua origem. Márcio Souza, escritor amazonense de origem judaica, escreveu com certo humor: “Alguém já disse que o grande perigo enfrentado pelos judeus no Brasil não é exatamente o anti-semitismo, mas a assimilação” (115).

Uma pequena comparação entre o cenário literário do Brasil com o dos Estados Unidos poderá nos revelar um contraste curioso. Nos Estados Unidos, país de imigrantes como o Brasil, os inumeráveis escritores das mais variadas origens têm publicado em inglês autobiografias, romances, contos, poesias, etc., transmitindo ao leitor as experiências físicas e emocionais daqueles que pertencem a um grupo étnico minoritário. Algumas dessas produções fizeram sucesso no mercado, ganhando a atenção tanto do público geral quanto do crítico literário. As obras feitas pelos imigrantes japoneses e seus descendentes na América do Norte fazem parte do gênero que se chama “Asian American Literature,” e têm oferecido temas de pesquisa aos acadêmicos. Há professores especializados nesta literatura com cadeiras fixas nos Departamentos de Inglês, principalmente nos Estados onde se encontra uma grande concentração populacional de imigrantes e americanos de origem asiática - inclusive japonesa - como no caso do de Califórnia. Não se poderia negar que tais produções têm diversificado e enriquecido a literatura americana, enquanto no Brasil é difícil encontrar obras do mesmo gênero que possam se igualar às da literatura americana, quantitativa e qualitativamente. A literatura brasileira ainda hoje vem produzindo obras, onde predomina o pensamento da elite, que é basicamente da cultura branca européia.

As palavras de Márcio Souza citadas há pouco seriam uma chave para entender a diferença que existe entre os dois países. O grande perigo, ou seja, o grande obstáculo ao surgimento de uma nova literatura no Brasil seria a assimilação. Os valores assimilacionistas tão enraizados no Brasil têm⁶ dificultado, senão impedido, a manifestação livre do sentimento alheio.

Agora, passaremos verificar o caso específico das expressões artísticas dos nipo-brasileiros. A colônia japonesa, como as outras colônias, tem uma tradição literária, onde a vida dos imigrantes e seus descendentes no Brasil tem sido registrada na forma de conto ou haikai, poesia de 17 sílabas, desde o início da imigração. Mas como já mencionei, a maioria dessas produções foi feita em japonês pela primeira geração que não dominava a língua portuguesa, limitando a sua circulação dentro da colônia japonesa. O ano de 1988 foi marcante para a história da literatura nipo-brasileira, se assim pode ser chamada. Nesse ano, motivados e inspirados pela comemoração dos 80 anos da imigração japonesa para o Brasil, vários ensaios, depoimentos e obras literárias foram publicados em homenagem aos japoneses pioneiros no Brasil. Dentre elas, havia romances escritos por nipo-brasileiros em português sobre a vida dos imigrantes japoneses e seus filhos no Brasil. Aí se desenrolam os dramas do sofrimento, choques culturais, conflitos entre gerações, a dificuldade da adaptação à nova terra.

Mas foi com um filme de ficção, dirigido por Tizuka Yamasaki, que a população brasileira veio a conhecer as experiências vividas pelos primeiros japoneses que atravessaram o oceano para imigrar para o Brasil. O filme, intitulado *Gaijin – caminho da liberdade* foi exibido em 1980 nas salas de cinema nacionais e internacionais, recebendo boa crítica e vários prêmios nos festivais de cinema, pela sua força dramática e poética. Se a maioria dos romances publicados em 1988 foi uma reprodução da vida real da primeira geração, encarnada em personagens ficcionais, o filme de Yamasaki foi uma interpretação, ou uma releitura da história dos primórdios da imigração japonesa, onde se sublinhou o papel da mulher na fixação

do imigrante japonês no Brasil. Através da trajetória de uma jovem japonesa que imigrou para o Brasil, cuja modelo foi a avó materna da diretora, o filme narra a saga desses primeiros imigrantes, ocupando o lugar de um herói as figuras femininas.

O maior valor do filme, porém, estaria no fato de Yamasaki ter revelado ao grande público, talvez pela primeira vez, o sofrido processo de construção do país pelas mãos dos estrangeiros no início do século XX. As palavras proferidas na época da estréia do filme indicam que *Gaijin* foi um marco no cinema brasileiro. Jairo Ferreira, um crítico de cinema daquela época, escreveu na coluna do jornal *Folha de São Paulo*: “Nada de experimental, mas um novo cinema brasileiro. Seu testemunho da saga japonesa no Brasil é contundente, emocionante. Tudo é novo em “Gaijin,” como tudo era novo para aquela família japonesa que desembarcou no porto de Santos em 1908 e foi trabalhar nos cafezais sob o tacão de latifundiários tirânicos, pressões norte-americanas e repressões brasileiras.”

Mas a primeira manifestação cinematográfica da presença japonesa no Brasil cabe a outra cineasta paulistana de origem okinawana: Olga Toshiko Futemma, dois anos mais jovem que Yamasaki. Já em 1974 Futemma, então estudante de cinema na Universidade de São Paulo, havia filmado um documentário de curta-metragem, *Sob uma pedra do chão*, onde o dia-a-dia da comunidade japonesa na capital paulista foi posto em foco. Além deste filme, Futemma realizou mais dois documentários, *O retrato de Hideko* em 1980 e *Hia Sá Sá – Hai Yah!* em 1985, com a mesma temática, ou seja, a realidade da vida na comunidade japonesa de São Paulo. Devido ao gênero de documentário, cujas produções são normalmente mostradas em salas pequenas e a um limitado público interessado, as produções de Futemma não chamaram tanta atenção quanto o filme de Yamasaki, mas o seu valor como obra de arte pôde ser comprovado pelas críticas e prêmios que ganhou tanto no Brasil quanto no exterior.

Se Yamasaki tentou resgatar e gravar a memória da primeira imigração japonesa para o Brasil na consciência do povo brasileiro

como um capítulo na história da formação do país com o olhar feminino, Futemma procurou mostrar a diversidade da realidade nipo-brasileira através da montagem alegórica das imagens fragmentadas da vida na comunidade japonesa de São Paulo. As duas obras, complementando uma a outra, questionam e contestam a ideologia da identidade cultural brasileira, onde o sentimento do brasileiro de origem japonesa é ignorado.

Yamasaki e Futemma são dois casos isolados das expressões nikkeis, que obtiveram um reconhecimento geral, tendo como temática os japoneses no Brasil. Não é uma mera coincidência que elas tenham quase a mesma idade, pois a obra artística não é somente o produto pessoal mas também o produto do ambiente em que é gerada. Tanto Yamasaki quanto Futemma confessam que a realização de suas obras foi inspirada no processo de auto-percepção, em outras palavras, na busca de sua própria identidade cultural como descendente japonês no Brasil. Para a compreensão plena do valor das obras delas, será necessário investigar os aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos da imigração japonesa, principalmente nas décadas de 60 e 70, período em que se formaram a personalidade e a sensibilidade das duas cineastas. O que resultará de tal investigação não será a separação ou demarcação das culturas diversas no Brasil, mas a aceitação da pluralidade cultural como tal é, sem excluir uma a outra em função da idéia de assimilação.

Por último, cabe aqui uma explicação sobre o enigmático título deste artigo: “entre o som do violão e sanshin.” Sanshin é o nome de um instrumento musical de corda, utilizada na música típica de Okinawa, de onde os pais de Olga Futemma emigraram. Futemma, a quem pretendo dar a maior atenção no meu projeto, nasceu e foi criada na comunidade okinawana de São Paulo, num ambiente repleto de música e danças tradicionais de Okinawa. Com essa referência, acreditava ser válido mostrar com esse título a oscilação inquietante de Futemma e de outros artistas e escritores nipônicos, divididos entre duas, ou três (como no caso de Futemma), culturas diversas.

Bibliografia

- Associação Okinawa Kenjin do Brasil. *Brasil Okinawa Kenjin Imin-shi (A historiografia da imigração okinawana no Brasil)*. São Paulo: IMESP, 2000.
- Fausto, Boris, org. *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- Fausto, Boris. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.
- _____. *Negócios e ócios: história da imigração*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- Ferreira, Jairo. "Gaijin, a revelação de uma jovem cineasta." *Folha de São Paulo* 13 de fevereiro de 1980: 27
- Futmma, Olga. "As salas japonesas no bairro da Liberdade." *Filme Cultura* No. 47 agosto de 1986: 79-81
- Leite, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- Lim, Sheirley Geok-lin and Amy Ling, ed. *Reading the Literatures of Asian America*. Philadelphia: Temple University Press, 1992.
- Mattos, Carlos Alberto de. "A gente não sabe o que é o Brasil." (Entrevista com Tizuka Yamasaki) *O Estado de São Paulo* 19 de outubro de 1996: D6
- Nomura, Tânia. *Universo em segredo: a mulher nikkei no Brasil*. São Paulo: Nova Stella, s/d.
- Osakabe, Haquira, org. *Antologia de poesia nikkey*. São Paulo: Estação Liberdade: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1993.
- Shimabukuro, Alessandra. "Entrevista: A comunidade através das câmeras." (Entrevista com Olga Futemma) *Jornal do Nikkey* 4 a 10 de outubro de 2000: 3
- Souza, Márcio e Moacyr Scliar. *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.